

RELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS COMPORTAMENTAIS E O DESEMPENHO ACADÊMICO: UM ESTUDO COM ACADÊMICOS DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS

RELATIONSHIP BETWEEN BEHAVIORAL VARIABLES AND ACADEMIC PERFORMANCE: A STUDY WITH MANAGEMENT AND ACCOUNTING STUDENTS

RESUMO

Este estudo tem como objetivo identificar a relação entre as variáveis comportamentais e o desempenho acadêmico nos cursos de Ciências Contábeis e Administração de uma IES pública. A pesquisa é classificada como quantitativa e descritiva. Os dados foram coletados de forma primária por meio de um questionário aplicado a 74 acadêmicos do curso de Ciências Contábeis e a 57 acadêmicos do curso de Administração, com base em cinco constructos psicológicos: autoestima, autoeficácia, autocontrole, otimismo e locus de controle. Os principais resultados sugerem que: (i) as mulheres possuem melhor desempenho em relação aos homens; (ii) a variável comportamental “autocontrole” apresentou relação com o rendimento acadêmico; (iii) a idade do discente não influencia no rendimento acadêmico; (iv) a variável comportamental autoestima não apresentou relação com o desempenho do acadêmico; e, (v) o estado civil do acadêmico também não apresentou relação com o seu rendimento. De forma geral, percebeu-se que a maior parte das variáveis comportamentais pesquisadas não apresentam relação significativa com o desempenho dos acadêmicos envolvidos na análise, com exceção da variável autocontrole, que se mostra uma aliada dos estudantes ao considerar que pensar nas consequências das ações antes de tomar uma decisão e conseguir fazer a melhor escolha frente às situações influem na possibilidade de se obter um melhor rendimento acadêmico. Conclui-se que esses resultados trazem implicações práticas: aos estudantes, uma vez que podem utilizá-los para uma autorreflexão; aos familiares, fomentando o apoio ao discente na minimização dos fatores comportamentais que impactam no desempenho acadêmico; aos órgãos governamentais, na possibilidade de desenvolver políticas públicas e educacionais para mitigar os fatores que impactam no desempenho acadêmico e aos coordenadores de cursos, possibilitando o desenvolvimento de ações de gestão de apoio ao discente. A pesquisa também traz contribuições teóricas, buscando compreender o problema a partir de uma amostra diferente em relação às pesquisas anteriores, além de contribuir no preenchimento de lacunas da literatura sobre o tema e trazer novas evidências que refutem ou confirmem as hipóteses de pesquisas anteriores.

Palavras-chave: Desempenho Acadêmico. Variáveis Comportamentais. Ciências Contábeis. Administração.

ABSTRACT

This study aims at identifying the relationship between behavioral variables and academic performance in Accounting Sciences and Management courses from a public IES. The research is classified as quantitative and descriptive. The data was collected in a primary form through a questionnaire applied to 74 Accounting Sciences academics and to 57 Management course based on five psychological constructs: self-esteem, self-efficacy, self-control, optimism and control locus. The main results suggest that: (i) women perform better than men; (ii) the behavioral variable self-control was related to academic performance; (iii) the student's age does not influence in academic achievement; (iv) the behavioral variable self-esteem was not related to the academic performance; and, (v) the student's marital status was also not related to his or her income. In general, it was noticed that the most of the behavioral variables studied do not present a significant relation with the students performance involved in the analysis, except for self-control, which is an ally to the students considering that thinking about the consequences of actions before making a decision and being able to make the best decision influence the possibility of obtaining a better academic performance. It is concluded that these results have practical implications: to the students, since they can use them for a self-reflection; to family members by encouraging the student support in minimizing behavioral factors that impact in the academic performance; to the governmental agencies, in the possibility of developing public and educational

Alessandra Gregolin Polese

Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Campus Pato Branco. Contato: Rua Jacob Pesavento, n.º 259, Bairro Jardim Maria da Luz, Coronel Vivida, PR, CEP: 85.550-000. E-mail: alessandrapolese@outlook.com.

Sandro César Bortoluzzi

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Contabilidade pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Administração Financeira, Contábil e Controladoria pela Univel. Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Pato Branco. Docente do curso de Ciências Contábeis na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Pato Branco. Docente do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção e Sistemas na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Pato Branco. Contato: Via do Conhecimento, Km, S/N, Bairro Fraron, Pato Branco, PR, CEP: 85.503-390. E-mail: sandro@utfpr.edu.br

Ricardo Adriano Antonelli

Doutor e Mestre em Contabilidade pelo Programa de Pós-Graduação em Contabilidade (PPGCont) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Pato Branco (UTFPR). Bacharel em Informática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialista em Desenvolvimento para Ambiente de Internet utilizando Orientação a Objetos, Java e Banco de Dados pela UTFPR. Experiência nas áreas de Tecnologia da Informação e Ciências Contábeis, com ênfase em contabilidade gerencial, sistemas de informações, análise financeira, perícia contábil, ensino em contabilidade, implantação de sistemas de informação e programação Java. Perito Judicial desde o ano de 2011 atuando em causas cíveis e bancárias. Contato: Via do Conhecimento, Km, S/N, Bairro Fraron, Pato Branco, PR, CEP: 85.503-390. E-mail: rantonelli@utfpr.edu.br

policies to mitigate the factors that impact on the academic performance and, to the coordinators of courses, enabling the development management actions to support the student. The research also brings theoretical contributions, seeking to understand the problem from a different sample in relation to previous researches, in addition to contributing to fill gaps in the literature on the subject and bringing new evidence that refutes or confirms the hypothesis of previous researches.

Keywords: Academic performance. Behavioral variable. Accounting Sciences. Management.

1. INTRODUÇÃO

Conhecer os fatores que impactam no desempenho acadêmico faz-se importante, uma vez que reflete o nível de conteúdo que o acadêmico absorveu no decorrer do processo de ensino e de aprendizado. Nesse contexto, as instituições de ensino são responsáveis por fornecer ao mercado profissionais qualificados e, para isso, um ensino de qualidade é fundamental (SILVA et al., 2015). No entanto, é necessário considerar as habilidades e competências dos acadêmicos no processo de ensino-aprendizagem e na qualificação de profissionais para o mercado (ORO, BEUREN e CARPES, 2013).

O ensino deve ser idealizado de forma que possa desenvolver as competências e as habilidades de todos os envolvidos no processo (MOROZINI; CAMBRUZZI; LONGO, 2007; MAMEDE et al., 2015), criando-se a necessidade de as instituições de ensino desenvolverem e aplicarem medidas que melhorem o processo de ensino-aprendizagem (MOROZINI; CAMBRUZZI; LONGO, 2007; SILVA et al., 2015).

O critério utilizado frequentemente para medir a eficiência do processo de ensino-aprendizagem é a nota do acadêmico, a qual está ligada a uma série de fatores que podem influenciá-la. Tais fatores podem estar relacionados ao próprio discente (características do acadêmico), com o docente e com o ambiente (sala de aula, universidade) (NOGUEIRA et al., 2013). Outros critérios que também podem ser utilizados para medir a eficiência do processo de ensino-aprendizagem, são: média acumulada do período do acadêmico ou notas de exames externos à instituição de ensino (MIRANDA et al., 2015).

São vários os fatores que podem afetar o desempenho acadêmico, o que tem levado alguns autores a buscar explicação para o processo de aprendizagem, investigando variáveis psicológicas relacionadas ao comportamento do discente (MAMEDE et al., 2015), a exemplo do otimismo, pois se acredita que acadêmicos mais otimistas possuem melhor capacidade de adaptação e obtêm melhor rendimento (BANDEIRA et al., 2002; MAMEDE et al., 2015). A motivação dos discentes também é objeto de estudo, ao ser considerada um fator positivo à aprendizagem, pois quanto mais motivado for o acadêmico, melhor tende a ser o seu desempenho (MAMEDE et al., 2015).

Outra variável que pode afetar o desempenho do acadêmico é a autoestima, ao relacionar-se com o rendimento, uma vez que um indivíduo que se sente mais seguro e capaz em suas ações possui um melhor desempenho acadêmico. Acadêmicos que se sentem desmotivados e desinteressados (baixa autoestima) apresentam comprometimentos em sua aprendizagem, obtendo um rendimento inferior (ALVES, 2009).

O estilo de aprendizagem é outro fator que pode interferir no desempenho acadêmico, pois os acadêmicos possuem maneiras diferentes para captar e entender determinado conteúdo que, até então, era desconhecido, ou seja, dependendo da forma como o conteúdo é transmitido ao acadêmico e as habilidades de assimilação que possui, seu rendimento pode melhorar ou piorar (NOGUEIRA et al., 2013).

Da mesma forma a variável autoeficácia pode ser relacionada ao desempenho dos acadêmicos posto que indivíduos com maior confiança em suas capacidades podem alcançar melhor performance escolar. Quanto maior o grau de escolaridade das mães dos acadêmicos, maior o nível de autoconfiança desses e, por consequência, melhor o desempenho escolar (TEIXEIRA, 2008; CERUTTI et al., 2011).

A percepção do indivíduo em relação às fontes de controle dos fatos que ocorrem em sua vida são denominadas Locus de Controle. Acadêmicos que acreditam que suas vidas são controladas pela sorte, acaso ou destino possuem desempenho inferior aos acadêmicos que não possuem essa característica, comprovando-se que é necessário estudar e ter dedicação para ter um bom rendimento escolar e não apenas acreditar em sorte ou destino (MAMEDE et al., 2015; RIBEIRO, 2000).

Outro fator que pode interferir no rendimento do acadêmico é o autocontrole, o qual diz respeito à capacidade de o indivíduo controlar seus impulsos e resistir a vontades imediatas. Os acadêmicos que possuem o hábito de fumar obtêm desempenho inferior aos demais acadêmicos, o que pode estar associado à variável autocontrole, uma vez que indivíduos sem essa característica podem apresentar comportamentos compulsivos (MAMEDE et al., 2015).

Na contextualização apresentada, percebe-se que muitas variáveis podem influenciar no desempenho acadêmico e que pesquisas nessa área ainda não são conclusivas. Nesse sentido, as pesquisas que buscam compreender como as variáveis comportamentais podem influenciar no desempenho acadêmico também são parciais e demandam novos estudos para sua compreensão.

Nessa conjuntura, a questão que norteia a presente pesquisa é: “As variáveis comportamentais influenciam o desempenho acadêmico?”

A fim de responder ao problema de pesquisa foi definido como objetivo geral: identificar a relação entre as variáveis comportamentais e o desempenho acadêmico nos cursos de graduação em Ciências Contábeis e Administração, ambos Bacharelados, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Campus Pato Branco.

A presente pesquisa traz contribuições práticas e teóricas. Em relação às contribuições teóricas, pode-se citar: (i) melhor compreensão do problema a partir de uma amostra diferente em relação às pesquisas anteriores; (ii) colaboração no preenchimento de lacunas da literatura sobre o tema; (iii) novas evidências que refutem ou confirmem as hipóteses de outras pesquisas já realizadas sobre o tema. Em relação às contribuições práticas, pode-se citar: (i) auxílio às coordenações de cursos na área de negócios; (ii) apoio aos acadêmicos em seu processo de aprendizagem; (iii) evidências aos órgãos públicos reguladores; (iv) favorecimento aos familiares dos acadêmicos na compreensão dos fatores que impactam no desempenho acadêmico.

A primeira contribuição teórica refere-se à melhor compreensão do problema a partir de uma amostra diferente de pesquisas anteriores realizadas sobre o tema. Como já evidenciado, muitas pesquisas foram realizadas com o objetivo de evidenciar os fatores comportamentais e outros fatores que impactam no desempenho acadêmico, porém os achados não são conclusivos. Essa pesquisa também não tem a pretensão de trazer evidências para que os achados sejam conclusivos, pois a forma de seleção da amostra não permite tais conclusões, porém acredita-se que a replicação de pesquisas em amostras diferentes traz novas evidências que possibilitam análises de congruências e divergências em relação às pesquisas anteriores.

A segunda contribuição teórica refere-se à contribuição do estudo no preenchimento de lacunas da literatura sobre os fatores comportamentais que impactam no desempenho acadêmico. Argumenta-se que a presente pesquisa traz achados que complementam as pesquisas anteriores e reforçam ou refutam conclusões já encontradas sobre o tema. Acredita-se que a pesquisa se soma às demais ao tentar encontrar evidências e conclusões cada vez mais contundentes sobre os fatores que impactam mais fortemente no desempenho acadêmico. Sabe-se que uma pesquisa mais ampla e com uma amostra probabilística traz custos e implicações temporais que impedem sua condução, porém a soma de várias pesquisas pode trazer evidências e conclusões que possibilitem melhor compreender o problema.

A terceira contribuição teórica refere-se a trazer novas evidências que refutem ou confirmem as hipóteses de outras pesquisas já realizadas sobre o tema. Como dito nos parágrafos anteriores, uma pesquisa mais ampla e com uma amostra probabilística normalmente não é possível em função do custo e do tempo em seu desenvolvimento, porém a presente pesquisa busca trazer novas evidências para refutar ou confirmar as hipóteses de outros trabalhos já realizadas sobre os fatores comportamentais que impactam no desempenho acadêmico.

A primeira contribuição prática refere-se à possível contribuição aos coordenadores de cursos. A prática de coordenação de curso é, por vezes, realizada de forma intuitiva e sem muitas informações sobre as causas e consequências de desempenhos inferiores obtidos pelos acadêmicos. Sendo assim, a presente pesquisa pode contribuir com o processo de gestão dos coordenadores de cursos da área de negócios, por trazer evidências que possibilitam construir um conjunto de ações para mitigar ou minimizar o desempenho inferior obtido pelos acadêmicos. Essa compreensão por parte dos coordenadores pode facilitar o processo de gestão e fazer com que, por vezes, ações simples possam trazer resultados satisfatórios na melhoria do desempenho dos acadêmicos.

A segunda contribuição prática refere-se à possível contribuição aos estudantes em seu processo de aprendizagem. A pesquisa pode contribuir com o acadêmico em sua reflexão acerca dos fatores comportamentais que impactam no seu desempenho. Muitas vezes, o acadêmico pode não perceber o que de fato tem contribuído de forma mais significativa para o seu desempenho e aprendizado, sendo assim, a pesquisa pode contribuir com uma reflexão sobre possíveis mudanças de hábitos para que seu desempenho seja superior ao obtido anteriormente.

A terceira contribuição prática refere-se a trazer evidências para os órgãos públicos reguladores. A compreensão por parte dos gestores públicos acerca dos fatores comportamentais que podem impactar no desempenho acadêmico pode desencadear o desenvolvimento de políticas públicas e educacionais que, a longo prazo, minimizam o desempenho inferior dos acadêmicos.

A quarta contribuição prática refere-se à possibilidade de apoio aos familiares dos acadêmicos na compreensão dos fatores que impactam no desempenho acadêmico. A família pode ser o alicerce para que o acadêmico consiga minimizar o impacto dos fatores comportamentais em seu desempenho, sendo assim, a compreensão por parte da família do acadêmico sobre os fatores que podem estar impactando em seu desempenho pode desencadear uma série de ações por parte dos familiares para mitigar ou minimizar esses impactos no desempenho acadêmico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Vários são os fatores que podem influenciar no desempenho dos discentes, estando relacionados às características dos acadêmicos, ao docente ou, ainda, ao ambiente de ensino (MIRANDA et al., 2015).

Sendo a educação vista como um processo, as IES devem ter por objetivo primordial a aprendizagem significativa e a formação humana integral dos acadêmicos. Além das avaliações internas, cujo objetivo é verificar se o conteúdo repassado foi assimilado por meio das notas dos acadêmicos, há, também, avaliações externas às instituições de ensino, diagnosticando-se os esforços das instituições em oferecer aos acadêmicos um ensino com qualidade, excelência e utilidade, podendo influenciar a reputação e a imagem da instituição, interferindo até mesmo em sua credibilidade (ARAÚJO et al., 2013).

Sendo assim, conhecer as variáveis que afetam, seja de forma positiva ou negativa, o processo de ensino-aprendizagem é importante, pois propicia à instituição a oportunidade de desenvolver políticas educacionais que possam garantir um ensino de qualidade, eficaz e contínuo (ARAÚJO et al., 2013).

2.1. VARIÁVEIS COMPORTAMENTAIS QUE PODEM IMPACTAR NO DESEMPENHO ACADÊMICO

2.1.1. Autoestima

Autoestima pode ser definida como sendo uma avaliação que a pessoa faz de si mesma. Assim, pode englobar questões de satisfação pessoal, autodepreciação, autovalorização, sentimento de fracasso, entre outras (AVANCI et al., 2007).

A autoestima não pode ser considerada como estável, pois sofre altos e baixos ao decorrer da vida e das experiências do indivíduo (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006). A autoestima pode ser classificada em níveis: alto, médio e baixo. Em baixo nível, é caracterizada por um sentimento de incompetência, inadequação e incapacidade de superar desafios, enquanto a alta por um sentimento de confiança e competência, e a média fica entre a adequação ou a inadequação, sendo que essa oscilação manifesta-se por meio do comportamento e de atitudes do indivíduo (AVANCI et al., 2007).

Com relação às pesquisas na área, a busca por um melhor entendimento da relação do desempenho acadêmico com a autoestima tem sido investigada, a exemplo de Bandeira et al. (2005), que constataram que estudantes com autoestima mais elevada tendem a possuir melhor desempenho acadêmico. Contudo, Baumeister et al. (2003) sugerem que, apesar de se pressupor que a alta autoestima traz muitos resultados positivos, sua relação com o desempenho acadêmico é modesta, incitando a necessidade de maiores pesquisas para indicar com maior propriedade tal relação.

A autoestima é a avaliação que a pessoa faz de si mesma, identificada como aprovação ou repulsa de seus atos e comportamentos (AVANCI et al., 2007). Batista e Delgado (2013) encontraram uma relação positiva entre a prática do judô, a formação da autoestima e do autoconceito e o rendimento escolar. Frente ao exposto, como primeira hipótese de pesquisa, tem-se:

H1₀: A variável autoestima não afeta o desempenho acadêmico.

2.1.2. Autoeficácia

Os estudos da autoeficácia tiveram origem nos trabalhos de Bandura (1977, 1982), que desenvolveu a Teoria da Autoeficácia no contexto dos modelos cognitivos de modificação do comportamento, juntamente com a Teoria da Aprendizagem Social. Assim, todos os processos de mudança psicológica e comportamental se operam a partir de alterações no sentido de mestria e autoeficácia (BANDURA, 1977, 1982 *apud* MARTINS E RIBEIRO, 2008).

Dessa maneira, a autoeficácia diz respeito à percepção do indivíduo sobre a sua capacidade de enfrentar desafios e obter resultados satisfatórios (CERUTTI et al., 2011). As escolhas são definidas pelos objetivos que se pretende alcançar (TEIXEIRA, 2008).

Quando uma atividade é concluída com êxito, ou seja, o resultado esperado se concretiza e os objetivos propostos são alcançados, a autoavaliação faz com que o indivíduo sinta-se seguro e confiante para desenvolver outras ações (TEIXEIRA, 2008).

Um indivíduo é capaz de controlar seus sentimentos, pensamentos e ações e esse controle é realizado com base na confiança que possui em si mesmo e nas suas capacidades, o que caracteriza a autoeficácia como maleável, pois pode ser alterada e estimulada (CERUTTI et al., 2011), conforme a determinação pessoal e a confiança do indivíduo em si mesmo.

Para Coimbra (2010), há fortes evidências empíricas de que as crenças de autoeficácia têm ligação com a motivação do indivíduo. Para o autor, no ambiente acadêmico, o professor, considerando o construtor de eficácia, deve criar situações de aprendizagem desafiadoras aos acadêmicos, atentando a limitações individuais, a fim de potencializar a experiência de sucesso de seus alunos.

A autoeficácia diz respeito à confiança que o indivíduo possui em sua capacidade de enfrentar desafios e alcançar resultados satisfatórios (CERUTTI et al., 2011). No estudo de Teixeira (2008), foi encontrada uma relação entre a variável autoeficácia e o desempenho acadêmico, surgindo a segunda hipótese de pesquisa:

H2₀: A variável autoeficácia não afeta o desempenho discente.

2.1.3. Otimismo

O otimismo é uma variável que reflete uma perspectiva favorável do indivíduo em relação ao seu futuro. Pessoas mais otimistas tendem a ter atitudes mais proativas em relação à sua saúde, mais esforço em questões educacionais e melhor rendimento, além de possuírem níveis mais altos de envolvimento e níveis mais baixos de desistência (CARVER, SCHEIER; SEGERSTROM, 2010).

A essência da teoria da construção do otimismo-pessimismo consiste no fato de que as pessoas lutam mais por objetivos que consideram alcançáveis e quando antecipam que suas ações trarão resultados desejáveis. Entretanto, quando há expectativa de que os resultados serão desfavoráveis, acontece uma redução ou até mesmo um completo desligamento dos esforços direcionados a determinado objetivo (HJELLE, BELONGIA e NESSER, 1996).

Para Santos (2017), algumas pesquisas têm buscado identificar a influência do otimismo com relação ao desempenho acadêmico, uma vez que em tal período existem momentos de ansiedade e *stress*, muitas vezes motivados pelas avaliações e pelas incertezas na sua futura profissão. Contudo, Mamede et al. (2015) constataram que o otimismo não foi estatisticamente significativo para explicar o melhor ou pior desempenho acadêmico de sua amostra.

Nesta mesma linha, o conceito de orientação otimista da vida foi utilizado no contexto educacional, sendo relacionado com a capacidade de adaptação e o desempenho escolar. Contrariamente à Mamede et al. (2015), Bandeira et al. (2002) encontraram que estudantes com baixo otimismo possuem maior dificuldade de adaptação e baixo desempenho acadêmico ao longo do curso, surgindo a terceira hipótese de pesquisa:

H3_o: A variável otimismo não afeta o desempenho dos acadêmicos.

2.1.4. Lócus de Controle

Para Santos (2017), o lócus de controle tem sido muito estudado nos últimos anos em diversos campos da Psicologia com suas implicações pedagógicas resultando no sucesso escolar.

Assim, o conceito de lócus de controle pode ser definido como a percepção que o indivíduo tem das fontes de controle dos acontecimentos de sua vida (DELA COLETA, 1987). Pessoas que possuem lócus de controle interno acreditam que o que acontece em sua vida é influenciado por suas ações (esforço pessoal) e que são capazes de interferir nesses resultados. Esses indivíduos tendem a organizar as situações em torno de suas competências, ou seja, sob seu controle (CALLADO; GOMES; TAVARES, 2006; RIBEIRO, 2000).

Já pessoas que possuem lócus de controle externo costumam atribuir a responsabilidade do que lhe acontece a fatores externos a ela. Normalmente, são indivíduos que acreditam em sorte, destino, acaso e que Deus é o responsável pelos acontecimentos (CALLADO; GOMES; TAVARES, 2006).

É importante salientar que, embora o lócus de controle externo ou interno seja considerado uma característica duradoura, é possível modificá-la através de experiências vividas (RIBEIRO, 2000).

Com o foco na área de ensino contábil, Mamede et al. (2015) constataram que a crença no acaso, destino ou sorte tem relação negativa com o desempenho acadêmico. Assim, para aqueles alunos que possuem maior lócus de controle externo, o seu rendimento acadêmico tende a ser inferior.

O lócus de controle tem relação com a percepção que os indivíduos têm dos acontecimentos da sua vida, se acreditam serem os responsáveis ou se acreditam que outros agentes (sorte, acaso, destino) influenciam o que lhes acontece (CALLADO; GOMES; TAVARES, 2006; DELA COLETA, 1987; RIBEIRO, 2000). Diante do exposto, surge a quarta hipótese de pesquisa:

H4_o: A variável lócus de controle não afeta o desempenho acadêmico.

2.1.5. Autocontrole

Autocontrole é geralmente sinônimo de força de vontade, capacidade de enfrentar situações difíceis, conseguir resistir às tentações (CRUZ, 2006), fazendo com que o indivíduo tenda a controlar seu comportamento em situações em que determinada escolha possui consequências distintas que geram conflito em sua mente. O autor traz um exemplo de autocontrole: quando um estudante é chamado para ir ao bar com os amigos em horário de aula, em um primeiro momento, o fato de estar junto com os amigos e o período de descontração pode fazer com que ele aceite o convite dos amigos - esses efeitos são considerados como positivamente reforçadores.

Por outro lado, há consequências associadas a essa primeira escolha, como perder pontos em um trabalho, ter excesso de faltas, entre outros efeitos que seriam como uma punição ao estudante. A essas consequências dá-se o nome de estímulos aversivos. Assim, se o organismo considerar menor a punição ao responder aos estímulos aversivos, a decisão de não ir ao bar será reforçada. A esse comportamento, que altera determinada escolha com base nas consequências que se pode ter, dá-se o nome de autocontrole (SKINNER 1953, 2003; CRUZ, 2006; MAMEDE et al., 2015).

Autocontrole pode ser definido como uma resposta do indivíduo a uma ação que pode ter diferentes consequências dependendo de sua escolha e cabe a ele decidir “resistir às tentações” ou não (CRUZ, 2006). No estudo de Mamede et al. (2015), verificou-se que acadêmicos que possuem o hábito de fumar apresentam desempenho inferior aos acadêmicos que não fumam e isso é relacionado ao nível de autocontrole do indivíduo. Diante disso, surge a quinta e última hipótese de pesquisa:

H5_o: A variável autocontrole não afeta o desempenho dos acadêmicos.

2.2. ESTUDOS PRECEDENTES

Ferreira et al. (2014) analisaram se o desempenho do discente no Ensino Médio influencia seu desempenho na graduação em Ciências Contábeis e, ainda, se o desempenho do discente na graduação afeta seu desempenho na pós-graduação. O estudo foi realizado com 957 estudantes do curso de Ciências Contábeis de uma IES pública. Os resultados obtidos não rejeitaram nenhuma das hipóteses, ou seja, o desempenho do discente no Ensino Médio e na pós-graduação está relacionado com o seu desempenho no curso de graduação.

Miranda et al. (2015) realizaram um estudo buscando, na literatura, quais variáveis podem afetar o desempenho acadêmico. A análise foi realizada em 52 artigos. As variáveis encontradas foram separadas em três grupos: relacionadas ao corpo docente, relacionadas às instituições de ensino e aos discentes. Dentre essas, foi identificado que as variáveis

que mais influenciam no desempenho acadêmico são aquelas relacionadas ao discente e, em segundo lugar, as que estão relacionadas ao corpo docente.

Silva et al. (2015) analisaram variáveis psicológicas (autoeficácia, autoestima, locus de controle e otimismo) e sociodemográficas. A análise foi feita com alunos do 3º ao 10º período do curso de Ciências Contábeis de uma IES. Como resultado, pode-se observar que as variáveis que exercem influência no desempenho acadêmico são: participação em atividades acadêmicas, renda familiar, filhos e experiência na área contábil menor que um ano. Sendo assim, observou-se que o tempo de dedicação exclusiva à faculdade influencia diretamente nas notas alcançadas pelos acadêmicos. Quanto às variáveis psicológicas, nenhuma apresentou influência no desempenho dos alunos.

Miranda et al. (2015) investigaram a influência de variáveis comportamentais no desempenho de alunos do curso de Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira. A amostra foi composta por 494 alunos. Os autores conseguiram identificar que a variável hábito de fumar tem impacto direto sobre o rendimento escolar dos alunos, o desempenho acadêmico das mulheres é superior em relação ao dos homens, a crença no convívio com pessoas de significativo poder de influência e a crença no destino está diretamente relacionada com o desempenho dos alunos, alunos com faixa etária de 20 a 40 anos de idade têm rendimento significativamente inferior aos demais alunos das outras faixas e a variável tempo de experiência está diretamente relacionada com o desempenho dos alunos.

Souza e Machado (2011) buscaram investigar a relação entre o desempenho dos alunos e sua situação socioeconômica, através dos conceitos dos cursos e informações socioeconômicas obtidas no banco de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP). Com as análises, foi identificado que a variável com maior influência no desempenho acadêmico é o conhecimento do aluno anterior ao seu ingresso em uma instituição de ensino superior. A escolaridade dos pais também possui influência positiva no desempenho dos alunos de Ciências Contábeis no Enade.

Librelato e Pozza (2015) realizaram um estudo analisando alguns fatores socioeconômicos e se esses interferem no desempenho acadêmico. A pesquisa foi realizada com 149 alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da UTFPR – *Campus* de Pato Branco. Por meio dos resultados, foi possível visualizar que o nível de ocupação do estudante fora da instituição, bem como a quantidade de horas semanais dedicadas ao estudo, a nota do Enem para ingresso na instituição e a facilidade em matemática são fatores que afetam positivamente no desempenho acadêmico.

Nogueira et al. (2013) buscaram identificar se os estilos de aprendizagem, número de faltas e características como idade e gênero possuíam influência no desempenho acadêmico dos discentes. Os autores realizaram a pesquisa com 208 acadêmicos do curso de Ciências Contábeis de uma IES. Os resultados revelaram não haver nenhuma interferência significativa dos estilos de aprendizagem sobre o desempenho acadêmico, sendo que a variável número de faltas foi a única que apresentou um comportamento estatisticamente significativo, demonstrando que a assiduidade e o empenho do acadêmico em acompanhar a disciplina possui relação direta com o seu desempenho.

Cruz, Corrar e Slomski (2008) buscaram comparar o desempenho dos alunos de Ciências Contábeis levando em consideração determinados aspectos da docência e recursos físicos educacionais. A pesquisa foi realizada a luz de uma investigação empírica da performance de 22.694 alunos no Exame Nacional de Cursos – Provão do ano de 2002. Os resultados obtidos indicaram que os professores tiveram influência no desempenho dos alunos sob três aspectos: domínio atualizado das disciplinas ministradas, técnicas de ensino empregadas e recursos didáticos utilizados. Outro fator observado que obteve influência foi o acesso a microcomputadores, o que não ocorreu em relação às condições físicas da biblioteca para estudo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O objetivo deste estudo pode ser caracterizado como descritivo ao buscar a relação entre o desempenho acadêmico e suas características comportamentais por meio da correlação das respostas obtidas no questionário proposto sobre as variáveis comportamentais e o rendimento acadêmico. Quanto à abordagem, esta pesquisa classifica-se como quantitativa, uma vez que busca saber se as variáveis comportamentais afetam o desempenho dos acadêmicos.

Pode-se qualificar este estudo como *survey* na medida em que busca revelar quais os fatores que mais influenciam o desempenho acadêmico dos estudantes, tendo por grupo pré-definido os acadêmicos da área de negócios (Ciências Contábeis e Administração).

Os dados para a realização deste estudo foram coletados de forma primária, quando o próprio pesquisador extrai os dados da realidade. Chama-se primária porque os dados não se encontram em qualquer outro lugar, sendo coletados em primeira instância (PRODANOV e FREITAS, 2013).

Para realizar a coleta dos dados neste trabalho, foi utilizado um questionário. O presente estudo teve como base um estudo anterior realizado por Mamede et al. (2015) com acadêmicos do curso de Ciências Contábeis de uma Universidade pública brasileira e utilizou o mesmo questionário desta pesquisa.

3.1. PROCEDIMENTO PARA COLETA E ANÁLISES DOS DADOS

Para oferecer um ensino de qualidade, que mantenha o interesse dos acadêmicos e forme bons profissionais, é importante conhecer as características e o comportamento dos discentes, para, assim, repassar o ensino com metodologias adequadas e obter sucesso no processo de ensino-aprendizagem (SOUZA et al, 2016).

Mamede et al. (2015) referem-se em seu estudo às origens para a construção das questões utilizadas no questionário, descritas no Quadro 1:

Quadro 1 – Constructos utilizados para formar o instrumento de pesquisa

Variável	Meio de Coleta	Autores
Autoeficácia	Escala Geral de Autoeficácia	Schwarzer (1992), Nunes et al (1999), Medeiros (2006).
Lócus de Controle	Escala de Lócus de Controle	Levenson (1973), Dela Coleta & Dela Coleta (1987).
Otimismo	Teste de Orientação da Vida (TOV)	Scheier, Carver e Bridges (1994), Bandeira et al. (2002).
Autoestima	Escala de Autoestima	Rosenberg (1965), Romano, Negreiros & Martins (2007), Navarro & Grijalvo (2007), Avanci et al. (2007).

Fonte: Elaborado pelos autores

Cada IES possui métodos próprios para avaliar o rendimento acadêmico. Neste trabalho, foi utilizado o método da UTFPR, que faz o cálculo do Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) ao final de cada período letivo.

3.2. AMOSTRA DA PESQUISA

A presente pesquisa teve como população os acadêmicos dos 2º, 3º e 4º anos dos cursos de Ciências Contábeis e Administração da UTFPR - Campus Pato Branco – PR, pois o 1º ano não possui o Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA). Questionários respondidos por acadêmicos não pertencentes a esse grupo foram invalidados. A amostra foi composta pelos acadêmicos dos cursos citados que responderam ao questionário proposto.

Dos 242 acadêmicos regularmente matriculados, foram obtidos 112 questionários válidos e, após a coleta, os dados foram testados em um *software* da área estatística, que permitiu fazer as análises necessárias para obter os resultados deste estudo.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para realizar a análise dos dados, primeiramente, foram separadas as questões referentes às variáveis comportamentais (autoeficácia, otimismo, autoestima e lócus de controle) e foram obtidos os escores de cada indivíduo para cada variável, realizando a soma das respostas.

Em seguida, foram analisadas as características amostrais, bem como foi realizada a categorização da amostra, por meio da aplicação da análise de *clusters* com as questões comportamentais.

Posteriormente, os dados foram submetidos à aplicação do teste estatístico *Kolmogorov-Smirnov* (K-S) para verificar a normalidade dos dados, com nível de significância de 0,05. Com a aplicação do teste de K-S no CRA's e nas variáveis comportamentais, ambos apresentaram uma sig. de 0,000. Diante de tal resultado, constatou-se que não há normalidade dos dados, portanto, dispensaram-se os testes de homogeneidade e já foram utilizados testes não-paramétricos para identificar possíveis divergências entre as médias dos grupos da amostra.

Foram utilizados dois testes estatísticos não paramétricos para analisar os dados da pesquisa, sendo um deles o Teste de *Mann-Whitney* (MW) para questões que possuem até dois grupos de análise (gênero, estado civil, fumante, consumo de bebidas alcóolicas e curso do respondente).

Para questões que possuem mais de dois grupos de análise (frequência do consumo de bebida alcóolica, idade e questões relacionadas às variáveis comportamentais), foi utilizado o Teste de *Kruskal-Wallis* (KW).

4.1. CARACTERÍSTICAS E CATEGORIZAÇÃO DA AMOSTRA

Dos 115 acadêmicos matriculados no curso de Ciências Contábeis, 74 responderam ao instrumento de pesquisa: desses, 65 foram considerados válidos, representando 58,0% da amostra analisada. No curso de Administração, dos 126 acadêmicos matriculados, 57 responderam ao questionário: desses, 47 (42,0%) foram considerados válidos para a análise. Cabe citar que alguns questionários foram invalidados devido ao não preenchimento ou preenchimento incorreto de uma ou mais questões e/ou ao preenchimento incorreto do RA.

De acordo com as questões que caracterizaram os respondentes, pode-se constatar que: (i) em relação ao gênero, a distribuição é uniforme, com 56 respondentes de cada sexo (masculino e feminino); (ii) com relação ao estado civil, 96 (85,7%) são solteiros e 16 (14,3%) são casados; (iii) a respeito da idade, observou-se que a maioria da amostra é jovem, possuindo entre 20 e 30 (83 – 74,1%).

Para avaliar o autocontrole do respondente, o hábito de fumar e o consumo de bebidas alcóolicas foram utilizados. No que tange ao hábito de fumar, somente cinco dos alunos responderam positivamente a essa questão (4,5%). Quanto

ao consumo de bebidas alcóolicas, 30 (26,8%) participantes responderam que não consomem bebida alcóolica e 82 (73,2%) responderam que consomem. Desses 82 acadêmicos que disseram consumir bebida alcóolica, a maioria (61,6%) respondeu que o consumo ocorre principalmente aos finais de semana. Assim, observa-se que os respondentes predominantemente são jovens, solteiros e costumam consumir bebida alcóolica aos finais de semana.

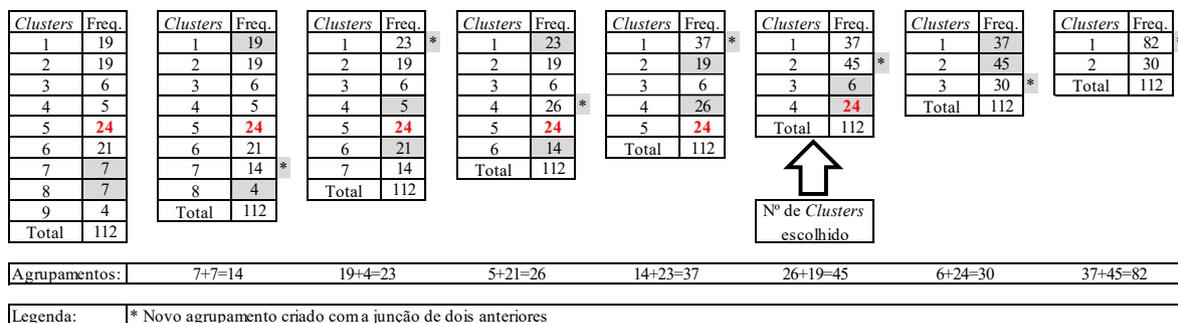
Adicionalmente, com o objetivo de categorizar os elementos da amostra com propósitos exploratórios, foi aplicada, nos resultados dos instrumentos comportamentais, a técnica estatística de análise de *clusters* [ou análise de Conglomerados], que, de acordo com Fávero et al. (2009, p. 196), “é uma técnica de interdependência que busca agrupar os elementos conforme sua estrutura natural”. Para os autores, esta técnica objetiva “definir a estrutura dos dados de maneira a alocar as observações parecidas no mesmo grupo” e, para isso, é necessária a definição de uma medida para avaliar o quanto os grupos são semelhantes ou diferentes.

Pohlmann (2009, p. 337) cita que “a distância euclidiana entre dois pontos é o comprimento da hipotenusa de um triângulo retângulo”, valor que, quando elevado ao quadrado, corresponde à distância euclidiana ao quadrado. Com isso, sugere-se que a vantagem desse método é de não exigir a extração da raiz quadrada, além de ser recomendado como medida de distância para os métodos *Centroid* e *Ward’s* de agrupamento. Dessa forma, neste artigo, utilizou-se a medida de semelhança distância euclidiana ao quadrado e o processo de aglomeração hierárquico *Ward’s*.

Para a aplicação na análise de *Clusters*, diante da dificuldade de tomar a decisão de número de conglomerados a considerar, foram seguidas as indicações de Malhotra (2001), sendo elas: (i) as considerações teóricas, conceituais e práticas possibilitam a indicação do número certo de conglomerados; (ii) na aglomeração hierárquica, as distâncias com as quais são combinados os conglomerados podem ser utilizadas como critérios de definição do número de agrupamentos e, por fim, (iii) os tamanhos relativos dos conglomerados gerados devem possuir significância.

Diante das indicações relatadas, foi estabelecida a faixa de nove agrupamentos como faixa máxima e, assim, aplicou-se a análise de *clusters* nas três variáveis dos instrumentos comportamentais (autoestima, autoeficácia e otimismo). Cabe destacar que as assertivas relacionadas ao autocontrole e locus de controle não compuseram tal análise em virtude de terem resultados categóricos. Assim, em tal procedimento, foi analisado o agrupamento dos *clusters* conforme a sua diminuição gradativa, até a obtenção de apenas dois, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Agrupamentos dos Clusters



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Na análise do agrupamento dos *clusters*, observa-se que o *cluster* com 24 representantes não se agrupava com os outros durante a redução dos agrupamentos, de modo que seu agrupamento ocorreu apenas na análise com três *clusters* (6 + 24 = 30). Com tal constatação, foi realizada a análise descritiva dos *clusters* para averiguar se as médias dos instrumentos comportamentais dos grupos com 24 e 6 representantes são similares. Assim, observou-se diferença considerável no otimismo (6 = 9,0 e 24 = 12,9). Devido a tal constatação, optou-se por quatro *clusters* para representar os agrupamentos dos instrumentos.

Diante do número de *clusters* definido, aplicou-se a análise de variância (ANOVA), que, segundo Field (2009), é utilizada para análise de situações nas quais há diversas variáveis independentes. Na operacionalização da ANOVA, optou-se pelo teste de hipóteses *post hoc* de *Tukey* para comparações múltiplas, que, segundo Field (2009), é indicado em situações em que o tamanho das amostras são iguais, além de conseguir controlar o erro do Tipo I. Na Tabela 4, são detalhadas as médias dos testes de *Tukey* realizados para cada um dos quatro *clusters* gerados, bem como a sua nomenclatura de acordo com as pontuações nos instrumentos autoestima, autoeficácia e otimismo.

Tabela 1 – Categorização da Amostra - Clusters

Clusters	Autoeficácia	Otimismo	Autoestima	Nominação dos clusters
1	32,8 - Alto	16,9 - Alto	17,7 - Alto	Os autoeficazes, otimistas e com autoestima
2	26,5 - Baixo	19,1 - Alto	16,6 - Alto	Os otimistas e com autoestima
3	33,5 - Alto	9 - Baixo	14 - Baixo	Os autoeficazes
4	27 - Baixo	12,8 - Médio	15,2 - Baixo	Os otimistas

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

De acordo com o nível dos instrumentos nos *clusters* indicados, observa-se que os respondentes participantes do grupo nominado “Os autoeficazes, otimistas e com autoestima” são aqueles com níveis elevados nos três instrumentos. Já os representantes do grupo “Os otimistas e com autoestima” também possuem níveis elevados de otimismo e autoestima, conforme grupo anterior, porém não possuem baixo nível de autoeficácia. Por sua vez, os representantes do *cluster* “Os autoeficazes” apenas apresentam níveis elevados no instrumento de autoeficácia. Por último, os representantes do grupo “Os otimistas” apresentam níveis baixos nos instrumentos autoeficácia e autoestima, porém possuem nível intermediário no otimismo.

Diante dos agrupamentos realizados, pode-se constatar que, na amostra pesquisada, considerando o perfil dos respondentes com relação à combinação das variáveis comportamentais, algumas observações são indicadas: (i) não se constata acadêmicos com alto nível de autoestima e baixo otimismo; (ii) o nível de autoestima tende a ser similar ao nível de otimismo e (iii) a autoeficácia parece variar independentemente do otimismo e da autoestima.

Com a finalização da análise das características e da categorização da amostra, a seguir, é descrita e realizada a comparação de tais resultados com o desempenho acadêmico.

4.2. ANÁLISE DO DESEMPENHO ACADÊMICO COM AS VARIÁVEIS DA PESQUISA

Para fazer a comparação entre as variáveis da pesquisa com o CRA dos acadêmicos, esses foram agrupados em quatro partes por meio dos quartis calculados, de forma que aqueles do Grupo 1 possuem menor índice de autoeficácia, otimismo e autoestima em relação aos pertencentes ao Grupo 4, que possuem maior índice. Dessa maneira, a seguir, serão relatados os resultados obtidos com relação às variáveis comportamentais no desempenho dos discentes.

Tabela 2 – CRA x Autoeficácia/Otimismo/Autoestima

Variável	Grupos	Escores	Média	Desvio-Padrão	Mediana	Respostas Válidas	%	Teste KW
Autoestima	1	10-27	0,7611	0,1257	0,7877	29	25,89%	=
	2	28-30	0,8058	0,1013	0,8326	29	25,89%	=
	3	31-33	0,7914	0,0891	0,8210	29	25,89%	=
	4	34-40	0,7733	0,1311	0,7971	25	22,32%	=
Autoeficácia	1	10-26	0,7893	0,0967	0,8031	28	25,00%	=
	2	27-29	0,7850	0,1018	0,8115	39	34,82%	=
	3	29-32	0,7864	0,1434	0,8243	23	20,54%	=
	4	33-40	0,7690	0,1198	0,8018	22	19,64%	=
Otimismo	1	0-14	0,7652	0,1317	0,8058	34	30,36%	=
	2	15-17	0,7896	0,1015	0,8168	28	25,00%	=
	3	18-19	0,7952	0,1035	0,8255	23	20,54%	=
	4	20-24	0,7891	0,1088	0,8160	27	24,11%	=

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

A autoestima pode ser entendida como uma avaliação que o indivíduo faz de si mesmo. Durante a vida, as pessoas possuem momentos de alta e de baixa autoestima, conforme a situação que estão vivenciando (AVANCI et al., 2007; MOSQUERA e STOBÁUS, 2006).

Ao observar a Tabela 2, nota-se que a maior média é a dos indivíduos representados pelo Grupo 2, porém, as demais médias não apresentam diferenças muito significativas. Ao submeter os dados ao teste *Kruskal-Wallis*, não foi

observada diferença estatisticamente significativa (Sig. = 0,317), indicando que a variável autoestima não influencia o desempenho acadêmico. Sendo assim, não se rejeita a hipótese **H1₀**: A variável autoestima não afeta o desempenho acadêmico. Esse resultado confirma o encontrado por Mamede et al. (2015) e Silva et al. (2015), em que a variável autoestima não mostrou causar impacto sobre o rendimento dos acadêmicos.

Já para a variável autoeficácia busca-se identificar o nível de segurança e confiança que o indivíduo possui em sua capacidade de realizar determinada atividade (TEIXEIRA, 2008; CERUTTI et al., 2011).

Como é possível perceber, a diferença entre as médias é muito baixa, o que indica que a confiança do indivíduo em si mesmo não influencia seu rendimento acadêmico. Após submeter os dados ao teste de *Kruskal-Wallis*, obteve-se Sig. = 0,806, isso significa que não há diferença estatisticamente significativa na relação da variável autoeficácia no desempenho acadêmico dos discentes. Sendo assim, não se rejeita a hipótese **H2₀**: A variável autoeficácia não afeta o desempenho discente. Este resultado está de acordo com os resultados encontrados por Mamede et al. (2015) e Silva et al. (2015), nos quais a variável autoeficácia também não apresentou relação relevante no rendimento acadêmico.

Na sequência, a variável otimismo está relacionada ao fato de o indivíduo se empenhar mais para alcançar objetivos que ele considera alcançáveis (HJELLE; BELONGIA; NESSER, 1996).

Os dados foram submetidos ao teste estatístico de *Kruskal-Wallis*, o qual também não apresentou relevância significativa (Sig. = 0,879) sobre a relação da variável otimismo no desempenho dos acadêmicos. Dessa forma, não se rejeita a hipótese **H3₀**: a variável otimismo não afeta o desempenho dos acadêmicos. Essa situação acompanha os resultados obtidos por Mamede et al. (2015), nos quais o otimismo não apresentou impacto no rendimento dos acadêmicos.

O *locus* de controle diz respeito à percepção dos indivíduos sobre as fontes de controle dos acontecimentos de sua vida (DELA COLETA, 1987). Quem possui *locus* de controle interno acredita que é responsável pelo que acontece em sua vida e é capaz de interferir, já quem possui *locus* de controle externo possui a concepção de que fatores externos controlam os acontecimentos em sua vida, como Deus, o destino e o acaso (CALLADO; GOMES; TAVARES, 2006).

A fim de identificar a subescala de cada acadêmico, parte da amostra foi somada às respostas dos respondentes em três grupos: o grupo da subescala I, o grupo da subescala P e o grupo da subescala C. O grupo que obteve a maior soma foi definido como a subescala à qual o estudante pertence.

A maioria (88,39%) dos acadêmicos que fez parte da pesquisa possui *locus* de controle interno, ou seja, acredita que é responsável pelo que ocorre em sua vida e que pode controlar esses acontecimentos. No que se refere à média, percebe-se que os acadêmicos pertencentes às subescalas I e C possuem as maiores médias, apesar de não haver diferenças muito significativas entre elas.

Submetendo os dados ao teste estatístico de *Kruskal-Wallis*, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Sig. = 0,720) entre as subescalas e o CRA dos acadêmicos de Ciências Contábeis e de Administração, ou seja, a percepção sobre as fontes de controle dos acontecimentos de sua vida não influencia o desempenho dos acadêmicos na Universidade.

Sendo assim, não se rejeita a hipótese **H4₀**: a variável *locus* de controle não afeta o desempenho acadêmico. Esse resultado está de acordo com Silva et al. (2015), que também não encontraram associação entre o *locus* de controle e o rendimento acadêmico. Porém, diverge do estudo de Mamede et al. (2015), que encontraram, em sua pesquisa, que acadêmicos com maior frequência de causas externas possuem desempenho inferior aos demais. Tais divergências nos resultados podem ser atribuídas a diferenças entre as amostras pesquisadas ou, ainda, ao baixo número de representantes de *locus* de controle externo (13), que pôde enviesar o resultado do teste KW.

O último instrumento analisado com o desempenho acadêmico foi o autocontrole, que é associado à força de vontade e à capacidade de o indivíduo resistir às tentações (CRUZ, 2006). Para o presente estudo, foram escolhidos o hábito de fumar e o consumo de bebida alcoólica como fatores relacionados ao autocontrole. Para coletar os dados, foi perguntado aos respondentes se eles eram fumantes e se consumiam bebidas alcoólicas. Se a resposta à segunda questão fosse afirmativa, perguntava-se a frequência desse consumo, tendo como possíveis respostas: todos os dias, três vezes por semana ou finais de semana.

A quantidade de acadêmicos fumantes entre os respondentes é muito baixa, representando apenas 4,46% da amostra. Quando submetidos os dados ao teste de *Mann-Whitney*, não se obteve diferença estatisticamente significativa, o que significa que o hábito de fumar não interfere no rendimento acadêmico. Esse resultado diverge daquele encontrado por Mamede et al. (2015), no qual o hábito de fumar possui uma associação negativa com o CRA do acadêmico.

Outro fator associado ao autocontrole é o consumo de bebidas alcoólicas por parte dos acadêmicos. Na pesquisa, foi possível perceber que tanto a média quanto a mediana do CRA dos acadêmicos que não consomem bebidas alcoólicas é maior do que a média dos que dizem consumir. Quando submetidos ao teste de *Mann-Whitney*, os dados apresentaram Sig. = 0,035, ou seja, há diferença estatisticamente significativa entre o desempenho de acadêmicos que consomem bebidas alcoólicas e os que não consomem.

Uma justificativa para essa performance inferior pode estar associada aos indivíduos sem autocontrole, que seguem estímulos que ocorrem imediatamente após a sua emissão, sem pensar nos resultados (CRUZ, 2006). Dessa forma, rejeita-se a hipótese **H5₀**: a variável autocontrole não afeta o desempenho dos acadêmicos, pois confirmou-se que o consumo de bebidas alcoólicas afeta negativamente o rendimento acadêmico. Esse resultado opõe-se àquele encontrado por Mamede et al. (2015), no qual o fator consumo de bebidas alcoólicas não influencia o desempenho acadêmico. A divergência dos resultados entre a presente pesquisa e estudos anteriores pode ser devido a possíveis diferenças entre as amostras, contudo, sugere-se a realização de novas pesquisas para melhor entendimento e sedimentação de tal relação.

Para saber se a periodicidade do consumo de bebidas alcóolicas influencia no rendimento dos acadêmicos, foi aplicado o teste de *Kruskal-Wallis*, comparando o CRA com a frequência do consumo dos estudantes.

Após a aplicação do teste estatístico, obteve-se Sig. = 0,032, o que significa que a periodicidade do consumo das bebidas alcóolicas tem relação com o desempenho acadêmico. A fim de identificar quais frequências de consumo estão relacionadas a menores desempenhos, foram comparadas as frequências por meio do teste de *Mann-Whitney*, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 – Comparação das Frequências de Consumo

Frequência do Consumo de Bebidas	0-1	0-2	0-3	1-2	1-3	2-3
Sig. MW	0,693	0,297	0,276	0,044	0,011	0,930
Resultado Teste MW	=	=	=	≠	≠	=

Legenda:

Grupo 0 – Consomem todos os dias

Grupo 1 – Consomem 03 vezes por semana

Grupo 2 – Consomem aos finais de semana

Grupo 3 – Não consomem

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Ao observar a Tabela 3, percebe-se que as comparações que apresentaram significância estatística (Sig. < 0,05) foram aquelas entre os grupos 1 e 2 e entre os grupos 1 e 3, ou seja, há diferença no rendimento acadêmico entre os estudantes que consomem bebidas três vezes por semana e os que consomem apenas aos finais de semana ou, ainda, não consomem bebidas alcóolicas. O fato de o grupo de acadêmicos que consomem bebidas todos os dias não apresentar diferença estatística significativa pode ser devido ao fato de haver poucos representantes desse grupo na amostra analisada.

Sendo assim, pode-se concluir que, quando consumida de forma moderada, as bebidas alcóolicas não afetam o desempenho acadêmico, mas, a partir do momento que esse consumo aumenta, esse fator começa a influenciar de forma negativa o rendimento dos acadêmicos na universidade. Desse modo, o desempenho dos acadêmicos que bebem mais frequentemente é inferior ao dos estudantes que conseguem ter autocontrole sobre a vontade de beber e fazem esse consumo de forma moderada e, por consequência, obtêm melhores notas.

Na sequência, buscou-se comparar o rendimento acadêmico com os quatro agrupamentos resultantes da análise de *clusters* realizada. De acordo com o teste estatístico de *Kruskal-Wallis*, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Sig. = 0,999) entre os agrupamentos comportamentais realizados (“Os autoeficazes, otimistas e com autoestima”, “Os otimistas e com autoestima”, “Os autoeficazes” e “Os otimistas”).

Diante dos resultados encontrados, especialmente devido às poucas diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis comportamentais e o desempenho acadêmico, buscou-se adicionalmente relacionar o CRA com o perfil social dos respondentes. Para isso, foram realizados testes estatísticos para validar se as características dos respondentes podem influenciar no rendimento acadêmico.

A análise da relação do CRA com o curso do acadêmico (Administração ou Ciências Contábeis) se deu por meio do teste de *Mann-Whitney*. Os dados apresentaram Sig. = 0,107, o que significa que não apresentaram relação estatisticamente significativa, sendo assim, o curso escolhido não é considerado como fator que influencia no rendimento dos acadêmicos.

Quanto ao período que o acadêmico está cursando, buscou-se verificar se o fato de estar no início ou já concluindo a graduação poderia interferir no desempenho. Para testar os dados estatisticamente, os submeteram ao teste de *Kruskal-Wallis*. Após os dados serem submetidos ao teste estatístico, constatou-se Sig. = 0,967, o que significa que, assim como o curso escolhido, o período cursado pelo acadêmico não influencia no seu desempenho na Universidade. Esse resultado se mostra diferente do encontrado por Araújo et al. (2014), no qual quanto mais avançado o período que o acadêmico estava cursando, maiores se mostravam suas notas.

A próxima variável relacionada ao perfil social dos acadêmicos analisada é o gênero, a fim de verificar se, em relação ao desempenho acadêmico, um determinado gênero se sobressai, conforme os resultados expostos na Tabela 4.

Tabela 4 – CRA x Gênero

Gênero	Média	Desvio-Padrão	Mediana	Respostas Válidas	Percentual	Resultado Teste MW
Feminino	0,8098	0,0973	0,8232	56	50,00%	≠
Masculino	0,7567	0,1233	0,7959	56	50,00%	≠

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Como observado na Tabela 4, a média do CRA do sexo feminino se apresenta maior em relação à média do sexo masculino. Quando submetidos ao teste de *Mann-Whitney*, os dados apresentaram $\text{Sig.} = 0,009$, isso significa que as informações possuem relevância estatística e que realmente o desempenho do sexo feminino é melhor do que o do sexo masculino, considerando o Coeficiente de Rendimento Acadêmico. Esta análise confirma os resultados obtidos nos estudos realizados por Mamede et al. (2015) e Araújo et al. (2013), evidenciando que mulheres possuem um desempenho acadêmico superior ao dos homens em cursos da área de negócios.

Com relação ao estado civil dos acadêmicos, buscou-se verificar se o fato de o acadêmico possuir maiores responsabilidades, como ser pai ou mãe, interfere de alguma forma no seu desempenho na universidade. Ao aplicar o teste estatístico, obteve-se $\text{Sig.} = 0,052$, o que significa que não foi encontrada significância estatística entre o CRA e o estado civil dos respondentes. Posto isso, não se considera o estado civil como um fator que afeta o desempenho acadêmico, o que coaduna com o resultado das pesquisas de Miranda et al. (2015), Masasi (2012) e Silva et al. (2015).

No que tange à idade dos respondentes, a presente pesquisa identificou que a maior parte da amostra analisada é composta por acadêmicos com idade entre 20 e 30 anos. Após a aplicação do teste de *Kruskal-Wallis*, não se obteve diferença estatística considerável, indicando que o fator idade não influencia no desempenho acadêmico. Esse resultado diverge daquele encontrado por Araujo et al. (2014), em que, conforme aumenta a idade dos acadêmicos, seu desempenho tende a melhorar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer os fatores que podem afetar o desempenho acadêmico é muito importante, pois, dessa forma, torna-se possível buscar soluções para resolver ou, ao menos, diminuir os problemas de aprendizagem e, conseqüentemente, melhorar o rendimento dos estudantes.

O objetivo do presente estudo foi identificar se as variáveis comportamentais poderiam afetar o desempenho acadêmico dos alunos dos cursos de Ciências Contábeis e de Administração de uma universidade pública brasileira.

Para isso, foram definidas como variáveis para o presente estudo a autoeficácia, que possui relação com a confiança que o acadêmico tem em si mesmo e em suas capacidades; o otimismo, que diz respeito à dedicação do indivíduo em determinado projeto, sugerindo que ele se dedica mais a objetivos que considera alcançáveis; a autoestima, que é definida como uma avaliação que o indivíduo faz de si mesmo e pode ser dividida em baixa ou alta autoestima; o *locus de controle*, que é relacionado à percepção dos indivíduos sobre as fontes que controlam os acontecimentos de sua vida; e, também, o autocontrole, que possui relação com o controle que a pessoa possui para resistir à vontade de satisfazer seus desejos, como tomar uma bebida ou experimentar uma droga.

Para coletar os dados, utilizou-se de um questionário que buscou, primeiramente, conhecer o perfil dos respondentes e o hábito de fumar e de consumir bebidas alcólicas, pois esses dois últimos fatores foram relacionados com a variável comportamental autocontrole. Em seguida, os acadêmicos indicaram seu grau de concordância a afirmações relacionadas às variáveis comportamentais autoeficácia, autoestima, otimismo e *locus de controle*.

Após a coleta de dados, obteve-se 112 questionários válidos. Para realizar a análise, foram utilizados testes estatísticos, como média, desvio-padrão, mediana e Análise de *Clusters*. Dos quatro agrupamentos resultantes da análise de *clusters*, verificou-se que os respondentes otimistas tendem a possuir elevada autoestima, e os não otimistas tendem a possuir baixa autoestima. Já a autoeficácia sugere ser uma variável independente das outras. Contudo, destaca-se que tais informações são apenas indicativas, que devem ser analisados com cautela, de modo que novas pesquisas com novos testes estatísticos deverão ser realizadas para fomentar este tema.

Na seqüência, para identificar se os dados possuíam significância estatística, foram utilizados testes estatísticos não paramétricos, devido à não normalidade dos dados, sendo eles o Teste de *Mann-Whitney* e o Teste de *Kruskal-Wallis*.

Depois de os testes estatísticos serem aplicados, foi constatado que o fator Consumo de Bebidas Alcólicas e a periodicidade deste consumo apresentam relação no desempenho dos acadêmicos. Isso porque, por meio dos testes estatísticos, foi comprovado que acadêmicos que não consomem bebidas alcólicas ou as consomem apenas aos finais de semana possuem desempenho superior aos que realizam esse consumo de forma mais significativa.

O fator Consumo de Bebidas Alcólicas está associado à variável comportamental autocontrole, pois sugere-se que pessoas sem autocontrole possuem mais dificuldades em resistir a vontades imediatas, como, por exemplo, ir a um bar com amigos em vez de ficar assistindo às aulas. Isso faz com que o desempenho deste acadêmico seja inferior ao de acadêmicos que possuem autocontrole e conseguem ter controle sobre suas vontades imediatas.

As demais variáveis comportamentais que fazem parte deste estudo (autoeficácia, otimismo, autoestima e *locus de controle*) não apresentaram diferenças estatísticas significativas quando comparadas aos CRA's dos acadêmicos, sendo assim, comprovou-se que essas não interferem no desempenho acadêmico. Esse resultado pode ser devido ao fato de que a amostra analisada representava menos de 50% da população da pesquisa, sendo que, se todos os acadêmicos matriculados respondessem ao questionário, poderia haver alteração nos resultados deste estudo.

Outro fator que apresentou relação com o desempenho acadêmico foi o gênero dos estudantes, pois constatou-se que as mulheres possuem um rendimento superior quando comparadas aos homens. Esse resultado corrobora com os estudos de Mamede et al. (2015) e Silva et al. (2015), confirmando que o desempenho do gênero feminino é superior ao masculino em cursos da área de negócios.

As principais limitações do estudo são: (i) os questionários foram aplicados apenas aos estudantes que estavam presentes em sala de aula, sendo desconhecida a percepção dos acadêmicos ausentes no momento da aplicação; (ii) o estudo consegue apenas verificar a relação entre as variáveis, mas não como uma afeta a outra; (iii) os resultados podem ser influenciados por possíveis inconsistências nas respostas dos alunos; e (iv) os resultados e conclusões são válidos considerando o método empregado, os constructos teóricos e a amostra analisada.

Como sugestão para estudos futuros, sugere-se: (i) que o instrumento seja aplicado em outros cursos e em outras instituições de ensino para verificar se as variáveis psicológicas possuem influência sobre o desempenho desses acadêmicos; (ii) que estudos sejam realizados para buscar entender como uma variável afeta a outra e não somente a relação entre as variáveis; (iii) que as próximas pesquisas sejam realizadas com amostras mais amplas e, se possível, com uma amostra probabilística; (iv) que os constructos teóricos sejam revisados para serem amplamente aceitos; e (v) que novos estudos busquem melhor entender a combinação e a relação das variáveis comportamentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Intervenção Psicopedagógica: Auto-estima e a Dimensão Afetiva entre Professores e Acadêmicos. In: Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, 10., 2009, **Atas...** 2009.

ARAÚJO, Elisson Alberto Tavares; CAMARGOS, Marcos Antônio de; CAMARGOS, Mirela Castro Santos; DIAS, Alexandre Teixeira. Desempenho acadêmico de discentes do curso de Ciências Contábeis: Uma análise de seus fatores determinantes em uma IES privada. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, v. 24, n. 1, p. 60-83, 2013.

AVANCI, Joviana Q.; ASSIS, Simone G.; SANTOS, Nilton César dos; OLIVEIRA, Rachel V. C. Adaptação Transcultural de Escala de Auto-estima para adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 3, p. 397-405, 2007.

BANDEIRA, Marina; BEKOU, Valentin; LOTT, Keli Silva; TEIXEIRA, Marcela Augusta; ROCHA, Sandra Silva. Validação Transcultural do Teste de Orientação da Vida (TOV-R). **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 251-258, 2002.

BANDEIRA, Marina; GUAGLIA, Maria Amélia Cesari; BACHETTI, Livia da Silva; FERREIRA, Tatiana Lourenço; SOUZA, Tatiana Lourençoni. Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 111-121, 2005.

BATISTA, Marco Alexandre da Silva; DELGADO, Sixto Cubo. A Prática de Judô em Relação com o Autoconceito, a Auto-estima e o Rendimento Escolar de Acadêmicos do Primeiro Ciclo do Ensino Básico. **E-Balonmano.com: Revista de Ciências del Deporte**, v. 9, p. 193-210, 2013.

BAUMEISTER, Roy F; CAMPBELL, Jennifer D.; KRUEGER, Joachim I.; VOHS, Kathleen D. Does High Self-Esteem Cause Better Performance, Interpersonal Success, Happiness, or Healthier Lifestyles? **Psychological science in the public interest**, v. 4, n. 1, p. 1-44, 2003.

CALLADO, Marcelo de Castro; GOMES, Josemeire Alves; TAVARES, Luiz Eduardo dos Santos. Locus de controle interno: Uma característica de empreendedores? **Encontro da ANPAD**, 30., 2006, Salvador, **Anais...** Salvador, 2006.

CARVER, Charles S.; SCHEIER, Michael F.; e; SEGERSTROM, Suzanne C. Optimism. **Clinical Psychology Review**, p. 879-889, 2010.

CERUTTI, Fernanda; PALMA, Domingos Luiz; ARTECHE, Adriane Xavier; LOPES, Regina Maria Fernandes; WENDT, Guilherme Welter. Auto-eficácia entre estudantes universitários ingressantes e veteranos de dois cursos. **Ciências & Cognição**, v. 16, n. 3, p. 57-65, 2011.

COIMBRA, Susana. Uma questão de confiança: o que (des)motiva a geração actual. In: SALGADO, Lucília. **A educação de adultos: uma dupla oportunidade na família**. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, 2010, p. 59-76

CRUZ, Robson Nascimento da. Uma introdução ao conceito de Auto-controle proposto pela análise do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 8, n. 1, p. 85-94, 2006.

DELA COLETA, Marília Ferreira. Escala multidimensional de Locus de Controle de Levenson. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 39, n. 2, 1987.

FÁVERO, Luiz Paulo; BELFIORE, Patrícia; SILVA, Fabiana Lopes; CHAN, Betty Lilian. **Análise de Dados - Modelagem Multivariada para Tomada de Decisões**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FERREIRA, Mônica Aparecida; SANTOS, Cassius Klay Silva; MIRANDA, Gilberto José; LEAL, Edvalda Araújo. Desempenho discente: O passado determina o futuro? **Encontro da ANPAD**, 18., 2014. **Anais....**, 2014.

FIELD, Andy. **Descobrimos a Estatística usando o SPSS**. 2. edição. Porto Alegre: Artmed Editora S.A, 2009.

GALLIANO, A. Guilherme. **O método científico: Teoria e Prática**. São Paulo. Editora Mosaico Ltda., 1979. 200 p.

HJELLE, Larry; BELONGIA, Christine; NESSER, James. Psychometric properties of The Life Orientation Test and attributional style questionnaire. **Psychological Reports**, v. 78, n. 2, p. 507-515, 1996.

MARTINS, Anabela Correia; RIBEIRO, José Luís Pais. Desenvolvimento e validação da Escala de Auto-eficácia para Utilizadores de Cadeira de Rodas. **Análise Psicológica**, v. 26, n. 1, p. 135-145, 2008.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3. edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MAMEDE, Samuel de Paiva Naves; MIRANDA, Gilberto José; MARQUES, Alessandra Vieira Cunha; ROGERS, Pablo. Psychological Determinants of Academic Achievement in Accounting: Evidence from Brazil. **Brazilian Business Review**, p. 50-71, 2015.

MASASI, Noah J. How Personal attribute affect students' performance in Undergraduate Accounting Course. A Case of Adult Learner in Tanzania. **International Journal of Academic Research in Accounting, Finance and Management Sciences**, p. 201-211, 2012.

MIRANDA, Gilberto José; LEMOS, Karine Custódio da Silva; OLIVEIRA, Alanna Santos de; FERREIRA, Mônica Aparecida. Determinantes do desempenho acadêmico na área de negócios. **Revista Meta: Avaliação**, v. 7, n. 20, p. 175-209, 2015.

MOROZINI, João Francisco; CAMBRUZZI, Daiane; LONGO, Luci. Fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem no curso de Ciências Contábeis do ponto de vista acadêmico. **Revista Capital Científico do setor de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 5, n. 1, 2007.

MOSQUERA, Juan José Mouriño, STOBÁUS, Claus Dieter. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: Qualidade de vida na Universidade. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 7, n. 1, p. 83-88, 2006.

NOGUEIRA, Daniel Ramos; COSTA, José Manoel da; TAKAMATSU, Renata Turola; REIS, Luciano Gomes dos. Fatores que impactam o desempenho acadêmico: Uma análise com discentes do curso de Ciências Contábeis no ensino presencial. **Revista de Informação Contábil**, v. 7, n. 3, p. 51-62, 2013.

ORO, Ieda Margarete; BEUREN, Ilse Maria; CARPES, Antonio Maria da Silva. Competências e habilidades exigidas do *controller* e a proposição para sua formação acadêmica. **Revista Contabilidade Vista & Revista**, v. 24, n. 1, p. 15-36, 2013.

POHLMANN, Marcelo Coletto. Análise de Conglomerados. In: CORRAR, L. J.; DIAS, J. M. F., PAULO, E. (Org.). **Análise Multivariada para os Cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 324-388.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Celia. Em Torno do Conceito *Locus de Control*. **Revista Máthesis - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa**, n. 9, p. 297-314, 2000.

SANTOS, Márcia Juliana da Cunha. **Fatores Determinantes do Sucesso Escolar no Ensino Superior**: Escola Superior de Gestão - IPCA. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Barcelos, Portugal, 2017.

SILVA, Vanessa Ramos da; OLIVEIRA, Karine Gonzaga; ROGERS, Pablo; MIRANDA, Gilberto José. Comportamento e Desempenho Acadêmico no Curso de Ciências Contábeis. In: Congresso AnpCont, 9., 2015. **Anais...** Curitiba: 2015.

SKINNER, Frederic Bhurrus. **Science and human behavior**: New York: MacMillan, 1953.

SKINNER, Frederic Bhurrus. **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo. Livraria Martins Fontes Editora, 2003. 489 p.

SOUZA, Jocykleber Meireles de; MACEDO, João Marcelo Alves; VIERA, Ana Cândida Ferreira; ANDRADE, Tabira de Souza. Atribuições de Causalidade para Explicar o Desempenho Acadêmico dos Estudantes de Ciências Contábeis e suas Reações Emocionais. Congresso AnpCont, 10., **Anais...** 2016.

TEIXEIRA, Maria Odília. A Escala Multidimensional de Auto-eficácia Percebida: Um estudo exploratório numa amostra de estudantes do ensino superior. **Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica**, v. 1, p. 141-157, 2008.